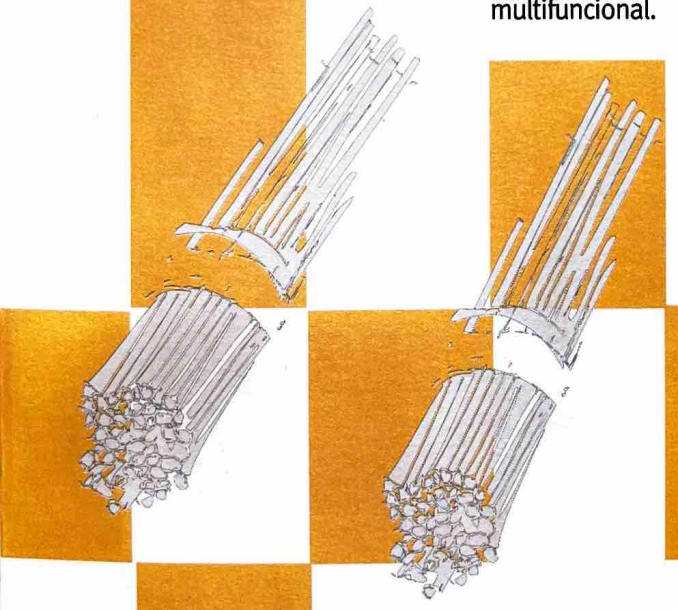
CESTARIA

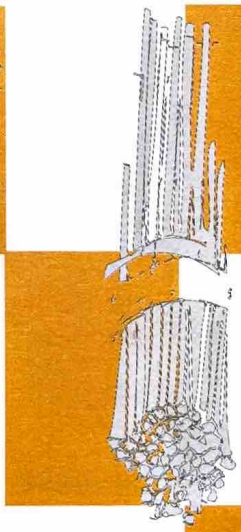


As fibras vegetais constituiram, tal como a madeira, um dos primeiros recursos naturais ao alcance dos povoadores do Arquipélago dos Açores.

Facilmente se obtinham fios a partir dos ramos ou da casca de árvores e arbustos, com os quais se confeccionavam cestos e esteiras que iriam auxiliar as actividades agrícolas que faziam parte do quotidiano nestas ilhas. De entre as fibras endógenas, contam-se o junco, a cana bambu, a espadana e o vime.

De entre os variados objectos produzidos a partir das fibras vegetais, os cestos assumem o principal papel, quer por razões históricas, quer por razões culturais. A arte da cestaria acompanhou o Homem desde tempos pré-históricos até à actualidade, fazendo parte do quotidiano de todas as civilizações que fizeram depender a sua sobrevivência da terra e do mar. A arte milenária da cestaria diversificou-se no tempo e no espaço, apresentando sempre um carácter multifuncional.





Região Autónoma dos Açores





Diversas são as formas dos cestos, as técnicas de confecção, os materiais empregues e as utilizações que deles se fazem. Se inicialmente se associava a forma à finalidade para a qual era criado o cesto, a função predominantemente decorativa que hoje assume, deu origem à diversificação dos modelos. Podemos, no entanto, identificar dois aspectos que se mantêm inalteráveis: a técnica de começar pela definição do fundo do cesto e as características do meio ambiente que permitem distinguir, neste caso, a cestaria tradicional dos Açores.

Aqui, predomina a técnica do vergado, em que o vime é entretecido manualmente (a palha flexível pode ser tecida no tear) em espinha, em cruz, em diagonal ou na horizontal. As principais ferramentas utilizadas são a vulgar tesoura de podar; a fouce, que é uma lâmina com a ponta curva para rachar troncos; o furador; o maço e a cunha, com que se abrem espaços para ajudar a entretecer ou a introduzir as asas.

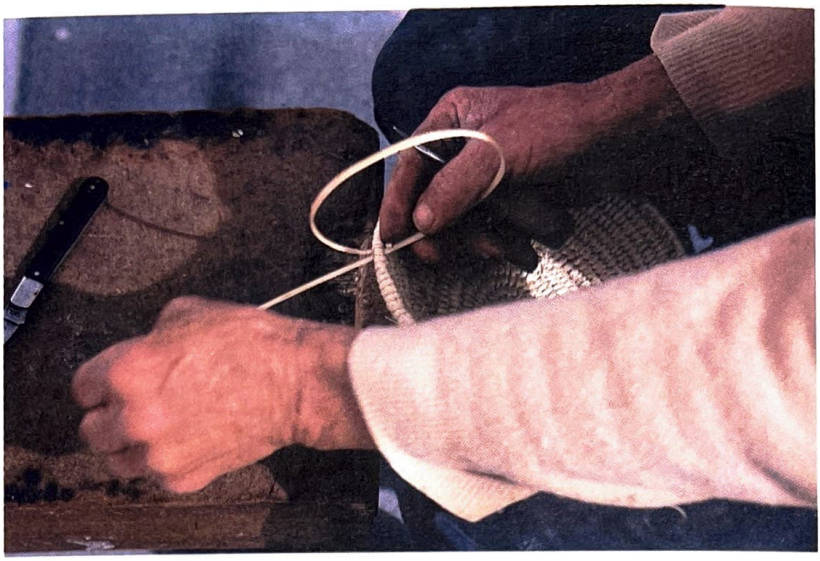


A técnica de "armar"um cesto passa por várias fases: o fundo, feito a partir de uma cruz de dezasseis vimes; a rodilha do fundo, que se faz com trinta e dois vimes e serve para aguentar as "costas"ou "trinchões"; o andaime, em que se puxam as "costas" ligeiramente para fora para, assim, se alargar o cesto; a rodilha do cesto com que se remata a obra.

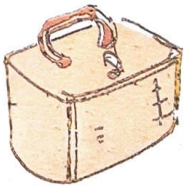


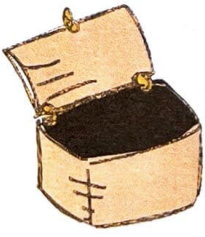
Difícil é estabelecer uma tipologia para a cestaria açoriana, já que cada ilha do Arquipélago apresenta as suas diversidades regionais. Comum a todas as ilhas, e testemunho valioso da cestaria tradicional dos Açores, do ponto de vista histórico, é a "sebe"do carro de bois. De entre os cestos mais comuns, contam-se o "cesto da leiva"ou "cesto de vindima", redondo, grande e grosseiro, de bordadura reforçada para transporte em carroça; o "cesto de acarrear", baixo, largo e forte, com duas asas no bordo, usado nos trabalhos agrícolas; o "seirão", cilíndrico, grosseiro e alto que, aos pares, é transportado por animais com produtos agrícolas; o "balaio", cesto para roupa ou pão em dias de matança, típico do Faial e da Graciosa; o cesto oval e comprido com asa, característico de S.Miguel; a cesta rectangular com tampa e asa; o cestinho redondo com asa.

















Textos Alexandra Andrade
Concepção gráfica Joana Dias
Fotografia Barro Açores, Artstudio
Impressão Nova Gráfica, Lda.
Dep. Legal Nº 148 762/00

Edição

Centro Regional de Apoio ao artesanato
LeaderII - asdepr, adeliaçor, arde

CENTRO REGIONAL DE APOIO AO ARTESANATO
SECRETARIA REGIONAL DA ECONOMIA

LEADERII ADELIAÇOR arde ASDEPR